

ENTREVISTA COM JOSÉ RUBENS SIQUEIRA

INTERVIEW WITH JOSÉ RUBENS SIQUEIRA



Entrevistado por:

Natália Elisa Lorensetti PASTORE
Mestranda
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5461313610144173>
<https://orcid.org/0000-0002-4069-9720>
natalia.e.pastore@gmail.com

Resumo: José Rubens Siqueira é profissional das artes desde a década 1960 e já traduziu diferentes nomes da literatura estrangeira, como Toni Morrison, Shakespeare, Mario Vargas Llosa, Vladimir Nabokov e Anne Enright. A entrevista foi concedida em março de 2021 por videoconferência. O intuito foi compreender melhor seu trabalho como tradutor, uma vez que ele já é bastante conhecido por suas produções no teatro e no cinema. Em nossa conversa, Siqueira compartilhou sua visão sobre o ato de traduzir, o processo que adota e sanou algumas dúvidas referentes a sua tradução da obra irlandesa *The Gathering*, de Anne Enright, publicada em 2008 pela Alfaguara.
Palavras-chave: José Rubens Siqueira. Tradução. Atividade tradutória. Anne Enright.

Abstract: *José Rubens Siqueira has been an art professional since the 1960 and has translated different names of the foreign literature, like Toni Morrison, Shakespeare, Mario Vargas Llosa, Vladimir Nabokov and Anne Enright. The interview was given in March 2021 by videoconference. The aim was to understand better his work as a translator, since he is already well known for his productions in the theatre and cinema. In our conversation, Siqueira shared his opinion on the act of translating, the process he adopts and answered some doubts regarding his translation of the Irish book *The Gathering*, by Anne Enright, published in 2008 by Alfaguara.*

Keywords: *José Rubens Siqueira. Translation. Translation activity. Anne Enright.*



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

José Rubens Siqueira nasceu no ano de 1945 no estado de São Paulo, onde reside até hoje. É profissional na área das Artes há mais de 50 anos e atua como escritor, tradutor, dramaturgo, cineasta, figurinista e cenógrafo. Seu trabalho com o teatro e o cinema garantiram-lhe bastante reconhecimento e o profissional já participou de festivais nacionais e internacionais de cinema.

Em 1974, ganhou o prêmio de melhor curta-metragem no Festival de Belém, no Pará, pelo curta intitulado *Papo de anjo*. No mesmo ano, com o curta *PHM – Pequena História do Mundo*, ganhou o prêmio Humberto Mauro de melhor curta-metragem. Este também foi apresentado no festival internacional de Teerã, no Irã, como representante oficial do Brasil e também na Mostra Internacional de Cinema de Animação da “Association Internationale du Film d’Aimation” (ASIFA-ONU) em Alma-Ata, no Cazaquistão (Siqueira, 2017).

Na década de 1980, Siqueira passou a ter maior reconhecimento no teatro paulista. No decorrer dos anos, o profissional adaptou *A metamorfose*, de Franz Kafka, *Antígona*, de Sófocles, *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, entre outros títulos, para os palcos. Também já escreveu peças autorais, como *Spollium - As irmãs siamesas*, peça escrita na década de oitenta que rendeu a Siqueira o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) de Melhor Autor. Em 2014, a peça foi apresentada no Teatro da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), uma produção do grupo teatral “O Dromedário Loquaz”. Dois anos depois, a peça retornou a Florianópolis com o mesmo grupo e foi apresentada no Teatro Álvaro de Carvalho.

Sua experiência com a tradução é vasta. Para o teatro, traduziu peças de Shakespeare, Molière, Federico Garcia Lorca e outros. Para o mercado editorial, traduziu obras de J.M. Coetzee, Toni Morrison, Furio Monicelli, Salman Rushdie e até uma obra de Bill Gates. Seu site pessoal apresenta sua vasta gama de trabalhos e, aos setenta e cinco anos, Siqueira continua bastante ativo em suas diferentes áreas de atuação.

A ideia da entrevista surgiu devido à minha dissertação. Realizei uma análise descritiva do obra irlandesa *The Gathering* (2007), da autora Anne Enright, para o português-brasileiro, obra que foi traduzida por Siqueira. No Brasil, a obra tem como título *O Encontro* e foi publicada pela Alfaguara em 2008. Ao pesquisar sobre Siqueira em plataformas online, pouco foi encontrado sobre sua atuação na tradução. Em uma resenha para o jornal online *Folha de S.Paulo* e em uma entrevista para a *ND+*, o profissional compartilhou brevemente seu entendimento do que é a tradução, onde afirmou que o ofício vai além de traduzir palavra por palavra (Siqueira, 2009; Kley, 2014), porém não comentou sobre seu processo tradutório.

Em 1º. de março de 2021, tive o prazer de conversar virtualmente com o profissional para descobrir mais sobre seu lado tradutor. Siqueira contou sobre o caminho que trilhou na área, o processo que adota para traduzir uma obra, algumas questões específicas da tradução de *The Gathering* e deixou uma reflexão sobre o papel do tradutor no mercado de trabalho e a importância da cultura para a sociedade.

Durante a conversa, Siqueira contou que conheceu a autora indiana Arundhati Roy. Siqueira traduziu duas de suas obras, publicadas pela Companhia das Letras com os títulos *O deus das pequenas coisas* (2008) e *O ministério da felicidade absoluta* (2017). De acordo com o tradutor, a autora indiana o agradeceu pelo seu trabalho na tradução de *O deus das pequenas coisas*. Suas palavras de agradecimento foram: “*Thank you for inhabiting my skin*” (“Obrigada por habitar a minha pele”, em tradução livre). O agradecimento marcou Siqueira, que entendeu o entendeu como uma “visão da tradução absolutamente perfeita”. Questionado se também teve a oportunidade de conhecer a autora irlandesa Anne Enright, que veio à Feira Literária Internacional de Paraty no ano de 2009, Siqueira respondeu que não tinha conhecimento de sua vinda ao Brasil. Infelizmente, a autora ainda é pouco conhecida no país e apenas três de seus romances possuem tradução para o português brasileiro, sendo que duas foram feitas por Siqueira.

Ao final da entrevista, Siqueira reforçou que os tradutores são pouco reconhecidos pela crítica literária, no mercado editorial e pela sociedade. Ele destacou acreditar que o tradutor precisa ter voz e se impor sempre que possível, defendeu que os profissionais devem lutar pelo seu espaço no mercado de trabalho e também auxiliar no processo de conscientização e reconhecimento da sociedade sobre o que é a tradução e sua importância. Siqueira nos deixa a mensagem de que a literatura, o teatro, o cinema e todas as artes são muito importantes para as pessoas. Portanto, devemos reconhecê-las e apoiá-las sempre que possível, afinal, são as diferentes formas de arte que disseminam conhecimento e cultura entre diferentes sociedades.

1. O senhor poderia falar um pouco sobre o início da sua vida profissional?

Estudei em uma escola pública absolutamente deslumbrante antes da ditadura militar, em 1964, que nos dava uma educação humanística. Tínhamos onze disciplinas, dentre elas algumas de trabalhos manuais, como macramê, crochê e aprender a trabalhar com madeira. Os alunos que iam à escola no período da tarde, também tinham aula no sábado de manhã. Bastante diferente de hoje em dia. Desde jovem me interessei pelo teatro e cinema e comecei a trabalhar

cedo. Tinha uns vinte anos na época. Porém, na área das artes e cultura, é complicado de se sustentar, não só no Brasil, mas em especial aqui, que não há muito incentivo.

Já dei aula na PUC, em São Paulo, na área do teatro por quinze anos. Não é muito a minha área trabalhar com instituições. Prefiro trabalhar como produtor e diretor de teatro independente. Por pouquíssimo tempo trabalhei com companhias do estado e com o Sesi. Meu interesse principal sempre foi com o cinema e com o teatro e a tradução começou como uma atividade secundária, para sustento financeiro.

2. Quando o senhor começou a ter contato com a tradução?

Comecei a traduzir muito cedo e com o meu leque de línguas, conseguia trabalhar com diferentes traduções, como tradução de artigos para revistas. No início da década de 1970, comecei a traduzir séries de romances publicados pela Editora Abril, chamadas *Júlia*, *Sabrina* e *Bianca*. Esses romances eram vendidos em bancas de revista e tinham cerca de duzentas a duzentas e cinquenta laudas. Eu fazia em torno de uma tradução por semana. A estrutura das histórias era a mesma e era muito divertido trabalhar com elas. Passei dois anos fazendo uma média de três livros por mês. Não pagava muito, mas conseguia me sustentar. Ganhei bastante experiência e agilidade com essas traduções. Na época, eu usava uma máquina elétrica, então essas obras me deram bastante desenvoltura para traduzir. A partir dessa experiência, nunca mais parei. Já traduzi muita, mas muita coisa mesmo.

Nos anos de 1990 comecei a traduzir para a Companhia das Letras e passei a traduzir muitos autores interessantes e importantes. Traduzi um livro do Bill Gates em parceria com um técnico em informática. Traduzi nove obras da Toni Morrison, uns nove ou dez do J.M Coetzee. Traduzi livros de autores cubanos e espanhóis. Traduzi obras de Vladimir Nabokov, da época em que ele escrevia em inglês. Também traduzi um dos meus autores favoritos, Salman Rushdie. Da Anne Enright, traduzi apenas dois romances, *O Encontro* e *A Valsa Esquecida*.

Sem contar os livros da *Júlia*, *Bianca* e *Sabrina*, já traduzi em torno de trezentos livros. Minha preferência é pela tradução de literatura de ficção. Gosto desse trabalho de reproduzir como o autor escreve, suas características e seu uso da língua. No momento, estou querendo dar uma pausa na tradução. Na verdade, nosso cenário atual não está muito propício para as áreas das artes e cultura, infelizmente. As editoras estão um pouco paradas. Vejo que a tradução é um trabalho muito duro e que nos dedicamos muitas horas por dia. Em geral, o tradutor é pouco reconhecido, pouco elogiado e ganha pouco. Eu, por exemplo, poucas vezes fui elogiado pelas minhas traduções. E tudo isso acaba por ser desmotivador.

3. *Quais línguas traduz?*

Aprendi inglês muito jovem, ainda criança. Quando entrei no que seria o ensino médio de hoje, caiu o ensino de grego, infelizmente. Francês era ministrado desde a primeira série e também tive aulas de espanhol. Saí da escola pública falando francês, espanhol e com o inglês aperfeiçoado, além de ter aulas de latim durante os sete anos de escola secundária. Não sei nada de latim, mas me serviu como base para aprender demais línguas latinas. O italiano, por exemplo, eu aprendi sozinho.

4. *O senhor já estudou teóricos da tradução, como Paulo Henriques Britto, Paulo Rónai ou outros?*

Não, nunca tive uma educação formal, acadêmica, na área. Sempre traduzi no impulso, baseado em minhas experiências mesmo. Eu sempre escrevi muito para o teatro, poesia e literatura, então sinto que a tradução é uma atividade de impulso, como a escrita. Acredito que tenha lido apenas dois livros relacionados à tradução na minha vida. Um é *Quase a mesma coisa*, do Umberto Eco. Um livro fantástico. Adoro o Umberto Eco. O outro é *Why translation matters*, de Edith Grossman. O livro é muito interessante e a tradutora é um grande nome da área.

5

5. *O senhor tem um método de tradução definido? Como se dá o seu processo tradutório?*

Acho que se eu ler todo o livro antes de começar a tradução, na hora que eu sento para traduzir, sinto que a tradução sai dura, engessada. Preciso traduzir em uma espécie de estado alternativo de consciência, com um grau de concentração muito grande. Eu leio apenas o começo do livro, umas cinco páginas, mais umas três do meio e o final, para saber se tenho condições de traduzir a obra. Se eu sinto que, humanamente, o livro me diz alguma coisa, eu o traduzo. Depois dessa leitura, eu sento e começo a traduzir, faço uma tradução porca mesmo, com erros de digitação e concordância até finalizar a obra. Então, eu deixo essa tradução dormindo por uns dois dias. Não raro, eu faço outra tradução nesse meio tempo. Quando volto, faço duas ou três releituras e passo a elaborar a tradução mesmo, cotejando com o texto original e observando palavra por palavra, frase por frase. É nesse momento que eu faço a tradução de verdade.

O que me proporciona muito prazer é perseguir essa fidelidade à escrita do autor, não só nas imagens passadas, mas também na escrita mesmo. Se o autor usa de aliterações ou ecos,

busco reproduzir isso. Às vezes não dá para reproduzir exatamente como fez o autor, mas eu procuro uma alternativa para manter essas características. Não acredito que tradução seja traduzir palavra por palavra, mas sim traduzir uma abordagem da linguagem utilizada pelo autor. Traduzir é uma passividade ativa. O tradutor deveria ser passivo. Não acredito que o tradutor tenha que ter um estilo, mas acredito que tem que mergulhar no autor e dizer o que ele está dizendo na língua estrangeira em português. Também, é preciso respeitar o tempo, a época na qual a história se passa, pois, há mudanças na língua, nos vocábulos usados. De toda forma, cada tradutor trabalha de um jeito, então as traduções nunca serão iguais.

Acredito que uma boa tradução é quando você lê a obra e a história soa como se tivesse sido escrita no português brasileiro mesmo. Acredito que o tradutor deva servir ao autor, habitar a sua pele e buscar ter empatia com ele para assim a tradução fluir bem. Há alguns casos que o tradutor não tem empatia pelo autor ou pela história e mesmo assim a tradução funciona muito bem. Acredito ser uma atividade que, se não te dá prazer, então você não será um bom tradutor.

6. *O senhor usa de recursos tecnológicos para auxiliar na tradução?*

6 Eu utilizo dicionários online. Trabalho com dois monitores, um com o texto original e o outro com a tradução. Adoraria ter mais monitores para cotejar as diferentes traduções, em outras línguas, de uma mesma obra. Por exemplo, as obras da Virgínia Woolf que estou traduzindo agora, eu observei as traduções para o francês, o espanhol e o italiano. Também cotejei com duas traduções existentes no português brasileiro. Fiz o cotejo após finalizar a minha tradução, pois acho que quando cotejamos durante o processo, as escolhas de outro tradutor influenciam muito nossas próprias escolhas.

7. *Especificamente para a obra de Anne Enright, **O Encontro**, como foi traduzir essa obra? O senhor encontrou dificuldades ou problemas tradutórios?*

Eu acredito que Anne Enright escreve muito bem. Seu fluxo de texto é bom e seu inglês é muito bonito. Admito que gostei mais da obra na primeira vez que a li, pois acho a história bastante fechada na família. Sinto falta de um contexto maior. Adoro os irlandeses, adoro James Joyce. Tenho quatro traduções para o português brasileiro da obra *Ulisses*. Adoro o texto de Enright, acho muito bonita a mistura que ela faz do rancor e da comiseração, que é o que dá a densidade dramática ao livro. É bastante perceptível como a personagem ama seus familiares e ao mesmo tempo tem ódio deles. E isso é muito potente no livro, essa visão humana e esse mergulho no mundo íntimo da família. Particularmente, como leitor fico um pouco insatisfeito,

pois quero saber mais sobre o momento em que a história aconteceu. Não consigo pescar no livro referências de tempo e espaço e acredito que para o leitor também é um pouco difícil de perceber, pois o foco da autora está no íntimo familiar. O processo tradutório da obra foi tranquilo, não encontrei grandes dificuldades.

8. Como se deu a escolha de acrescentar notas de rodapé na tradução? A editora se opôs a essa escolha?

Eu busco evitar a todo custo o uso das notas de rodapé. Eu acredito que elas cortam o ritmo da leitura. O leitor está lá, envolvido, e em algo que normalmente se passaria por cima, precisa parar e ver a explicação na nota. Acredito que o entendimento do conteúdo vem no fluxo da leitura e não de ficar analisando cada palavra e cada construção separadamente. Tanto que cada leitura da obra passa a impressão de que estamos lendo outro livro, porque nos traz percepções diferentes da história. Portanto, quando há um termo na língua estrangeira que preciso deixar no texto, primeiro busco fornecer uma tradução ou explicação no corpo do texto mesmo, entre colchetes.

No livro da Anne Enright foram poucas notas, umas três ou quatro. Utilizei as notas, pois achei que era importante contextualizar o momento no qual a história se passava. Como eu senti falta da contextualização temporal e espacial, achei que era importante fazer esse acréscimo. Mas acho que elas também não atrapalham a leitura, apenas acrescentam uma breve informação. Quanto à editora, foi tranquilo para a Alfaguara aceitar as notas. Não se opuseram ao uso delas.

7

9. Qual o prazo o senhor teve para traduzir a obra?

Os prazos variam de acordo com a obra, mas a editora a encaminha com uma data limite de entrega. Não me recordo no momento do prazo específico para a obra de Enright. Se o prazo é muito curto eu procuro negociar, mas em geral eles são confortáveis. Se você tem uma empatia com a obra e com o autor, acontece de a tradução ir mais rápido. Outras vezes vai mais devagar. Depende com o que você se depara nas leituras. Também varia com a idade. Teve uma época que eu fazia vinte laudas por dia. Hoje eu faço em torno de cinco a dez laudas.

10. Como foi a relação com a editora Alfaguara na tradução dessa obra?

Eu tenho uma boa relação com o editor da Alfaguara, de bastante respeito e admiração. Me dou bem com a equipe também, apesar das várias mudanças nos últimos anos. Sempre tive

a sorte de ser bastante respeitado nesse meio de trabalho, mas isso também é relacionado ao meu tempo de experiência, acho. Já teve vezes que não senti muito respeito. Às vezes os preparadores acabam por mexer muito no texto, mas, em geral, eu sempre tive boas experiências. Após uma ocasião específica, passei a fazer questão de olhar a preparação do texto para dar um ok final antes dele seguir no processo editorial. Em geral, eu faço a tradução e envio o texto para a equipe. Outro profissional faz a preparação e então volta para eu olhar. Algumas sugestões eu aceito, outras não. Gosto de justificar por que não aceitar tal sugestão, acredito ser importante para entenderem as escolhas. Depois que retorna para a editora, as escolhas passam a ser deles.

REFERÊNCIAS

Kley, E. (2014, 23 de abril). José Rubens Siqueira, autor de peça montada em Florianópolis, critica o teatro do real. *Ndmais*. <https://ndmais.com.br/entretenimento/jose-rubens-siqueira-autor-de-peca-montada-em-florianopolis-critica-o-teatro-do-real/>

Siqueira, J. R. (2017). Curtas. *Jose Rubens Siqueira*.
<https://www.joserubenssiqueira.com.br/curtas>

Siqueira, J. R. (2009, 30 de agosto). Terra em Transe: Tradutor de J.M. Coetzee no Brasil analisa e elogia a adaptação cinematográfica de "Desonra", que será lançada no país em DVD. *Folha de S. Paulo*.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3008200907.htm>